

A BEIRA DO PENHASCO

KATHLEEN LOUISE SMILEY

Na noite anterior à minha partida para Israel, meu pai e eu tivemos o mesmo tipo de conversa que durara toda a semana.

- Mas por que Israel? - ele perguntara no mesmo tom usado para "Por que China?" ou "Por que Rússia?" ou qualquer outro país que eu anunciava que ia visitar.

- Está acontecendo uma guerra lá, você sabe - ele acrescentara.

- Eu sei, papai. Há guerras em todo lugar.

Por que eu insistia em ir a lugares tão perigosos?, ele perguntou antes de dizer as palavras de sempre:

- Bem, você nunca me deu ouvidos antes. Por que eu vou achar que vai me ouvir agora? - Como era de seu feitio, fechou os olhos, soltou um suspiro e balançou a cabeça.

No meio dessas "discussões", minha irmã sempre procurava desanuviar o ambiente. Embora ela já soubesse que não adiantava nada, bem que tentava.

- Kath - sugeri -, por que você não faz um curso de férias na Inglaterra? Lá não é perigoso.

Como sempre, ela não conseguia entender.

Ninguém na família jamais me compreendeu realmente.

Nunca consegui viver de acordo com as ideias que eles tinham quanto à forma de eu levar a vida. A Inglaterra não era divertida na medida certa. Eu queria ir a outro lugar e experimentar alguma coisa diferente. Minha alma sempre fora inquieta e queria se aventurar em lugares desconhecidos. Mamã dizia que eu tinha sangue cigano.

Minha irmã e eu temos três anos e meio de diferença, mas todo um mundo nos separa no que se refere ao modo como vivemos. Ela é conservadora e calma. Eu me arrisco muito, e a única hora em que estou calma é quando estou dormindo. Passei a maior parte da minha vida adulta me desculpando com ela e com o resto da família por ser diferente, por causar-lhes embaraço por alguma roupa que vestia, algo que fazia ou falava.

Sou aquela que usa um chapéu enfeitado de frutas ou uma roupa toda colorida quando todo mundo está de preto básico.

A que conta uma piada inadequada no meio do jantar. A que chora assistindo a um lacrimajante filme antigo. Como ficam embaraçados! Alguém uma vez me disse que não invejava minha tarefa de despertar emoções em toda a família.

Como minha irmã é totalmente diferente de mim - ou como eu sou tão diferente dela -, não somos muito chegadas.

Quanto mais velhas e mais ocupadas, menos nos vemos, embora moremos perto uma da outra. Quando estamos juntas, sinto que ela fica segurando a respiração, esperando que eu faça ou diga alguma coisa "errada",

enquanto eu caminho em ovos e rezo para que isso não aconteça. Mas sempre acontece.

Já que minha irmã parecia a menos aborrecida com meus planos de verão, humildemente perguntei se ela poderia me levar ao aeroporto.

- Tudo bem, mas não conte a papai! - sorri e concordei.

Não é que nosso pai seja algum tirano. Sabemos que ele nos ama bastante. Isso fica claro por todos os sacrifícios que fez por nós. Eu não teria cursado Direito se não fosse por ele. Na verdade, ele só fica preocupado e custa-lhe muito separar sua preocupação do seu amor.

Na ida para o aeroporto, no dia seguinte, minha irmã estava calada como sempre. Mas, pela primeira vez desde que eu decidira viajar, começou a fazer perguntas: por onde planejara passar, onde ia ficar. Parecia sinceramente interessada.

Minha família não é de despedidas emocionadas. Então, com um "divirta-se" e um rápido "amo você também", minha irmã foi embora. Fiquei triste porque senti que ela não conseguia me entender. Queria que, naquele momento, ela fosse comigo, mas sabia que não faria isso.

Despachei a bagagem, sentei e comecei a me organizar. Abri a bolsa que minha irmã arrumara antes de sairmos. Ali, com o passaporte, os cheques de viagem e outros papéis importantes, estava um pequeno envelope branco escrito com a caligrafia de minha irmã. Abri o envelope e achei um cartão de boa viagem. Era um cartão engraçado, com um desenho na frente. Minha família sempre gostou de dar cartões divertidos e este não era diferente - ou eu pensava que não era.

Quando abri o cartão, entendi que minha irmã, que eu já decidira que não conseguia me compreender, realmente entendera tudo. Parecia que existia uma pequena parte dela que queria ser eu, talvez uma pequena parte dela que sempre quis que ela fosse eu. No cartão, apenas as palavras que minha irmã escrevera:

Eu realmente admiro você por levar sua vida de maneira tão plena.

Sua irmã, Kristy.

E do outro lado estava escrito:

Apolo estava no alto do penhasco: "Venham para a beira", ele disse.

"Não podemos", eles disseram, "é muito alto." "Venham para a beira." "Não podemos", responderam, "é muito alto." "Venham para a beira", Apolo insistiu.

"Não podemos, vamos cair." "Venham para a beira", ele disse.

Eles vieram e ele os empurrou.

E eles voaram.

Minha irmã, por um breve instante, me mostrou um lado muito precioso dela mesma, escondido até aquele dia.

Ou talvez eu nunca tivesse prestado bastante atenção. Com as lágrimas escorrendo, virei-me e olhei pelo vidro. No terminal, minha irmã sorria e acenava para mim. Pude ver seus lábios dizendo "Eu te amo". Sorri de volta, porque, pela primeira vez, eu sabia que ela me amava de verdade.